



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

LARISSA OLIVEIRA FERNANDES

**A LITERATURA INFANTIL NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: UM CAMINHO
POSSÍVEL PARA A APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA**

**GUARABIRA/PB
2024**

LARISSA OLIVEIRA FERNANDES

**A LITERATURA INFANTIL NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: UM CAMINHO
POSSÍVEL PARA A APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Julia Carvalho de Melo

**GUARABIRA/PB
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F363li Fernandes, Larissa Oliveira.
A literatura infantil no ciclo de alfabetização [manuscrito] : um caminho possível para a aprendizagem da leitura e escrita / Larissa Oliveira Fernandes. - 2024.
35 f.

Digitado.
Artigo Científico (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.
"Orientação : Prof. Dra. Maria Julia Carvalho de Melo, Departamento de Educação - CH".
1. Literatura infantil. 2. Ciclo de alfabetização. 3. Aprendizagem da leitura. 4. Aprendizagem da escrita. I. Título
21. ed. CDD 372.412

LARISSA OLIVEIRA FERNANDES

**A LITERATURA INFANTIL NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: UM
CAMINHO POSSÍVEL PARA A APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao Departamento
do Curso de Pedagogia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Graduada
em Pedagogia.


Área de concentração: Fundamentos da
Educação e Formação Docente.

Aprovada em: 18 / 11 / 24

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Julia Carvalho de Melo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Francinide Batista de Sousa Pedrosa (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais que me ensinaram o significado das palavras coragem e determinação antes que eu soubesse escrevê-las, DEDICO.

“E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar?”.
(José Saramago)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	LITERATURA INFANTIL: TRAJETO HISTÓRICO E CONCEITOS	11
3	O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UM BREVE DEBATE.....	14
4	PERCURSO METODOLÓGICO	17
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES SOBRE A LITERATURA INFANTIL: O QUE NOS DIZEM AS PROFESSORAS?	18
5.1	A literatura infantil como catalisadora do interesse pela leitura e escrita no ciclo de alfabetização.....	19
5.2	O papel da literatura infantil no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita no ciclo de alfabetização.....	22
5.3	Utilização da literatura infantil por professores do ciclo de alfabetização	26
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS	30
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	33
	APÊNDICE B–ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	34

A LITERATURA INFANTIL NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA A APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

CHILDREN'S LITERATURE IN THE LITERACY CYCLE: A POSSIBLE PATH TO READING AND WRITING LEARNING

Larissa Oliveira Fernandes¹
Maria Julia Carvalho de Melo²

RESUMO

O presente trabalho traz como temática central a literatura infantil e sua possível utilização nos anos iniciais do ensino fundamental, tendo como objetivo geral: analisar as contribuições da literatura infantil para a aprendizagem da leitura e escrita da língua portuguesa no ciclo de alfabetização e como objetivos específicos: discutir como a literatura infantil pode despertar o interesse das crianças pela leitura e pela escrita no ciclo de alfabetização; investigar o papel da literatura infantil no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita no ciclo de alfabetização; identificar a utilização da literatura infantil por professores do ciclo de alfabetização no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita da língua portuguesa. Para aprofundar a temática, esta investigação teve apoio teórico de obras que refletem sobre a definição, características e trajeto histórico da literatura infantil, evidenciando que é um gênero que acompanhou a consolidação do conceito da infância, sendo feita para essa fase (Lajolo; Zilberman, 2007; Zilberman, 2012; Coelho, 2000). Associado a isso, discorreu-se sobre as contribuições da literatura infantil para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças e sua utilização na sala de aula (Amarilha, 2002; Cadermatori, 2010; Cavalcanti, 2009), bem como sobre o percurso histórico da alfabetização no Brasil, destacando seus desafios e mudanças ao longo do tempo. Enquanto percurso metodológico, esta investigação apresentou vinculação à abordagem qualitativa (Minayo; Deslandes, 2002), tendo sido realizada uma pesquisa de campo no município de Alagoinha, localizado na região do brejo paraibano. Enquanto instrumento de coleta de dados, foram realizadas entrevistas com professoras da rede pública municipal que atuavam nos 1º e 2º anos do ensino fundamental. A análise dessas entrevistas foi produzida tendo por base a Análise de Conteúdo fundamentada em Bardin (2004). Os resultados demonstraram que as docentes reconhecem o caráter lúdico e educativo da literatura infantil, pontuando suas contribuições na aprendizagem dos alunos. As colaboradoras da pesquisa também promovem o acesso às obras de formas distintas, mas planejadas, realizando sua inclusão nas aulas em suas turmas, seja de forma recreativa ou para facilitar a compreensão dos conteúdos curriculares na alfabetização. Verifica-se também que a escola é um importante ambiente para possibilitar esse trabalho, através da biblioteca. A literatura infantil, portanto, emerge como um recurso valioso, capaz de transformar a experiência de aprendizagem e contribuir significativamente para a formação de leitores.

Palavras-Chave: Literatura Infantil; Ciclo de Alfabetização; Aprendizagem da Leitura e da Escrita.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB/Campus III. E-mail: larissa.oliveira.fernandes@aluno.uepb.edu.br.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, professora do Departamento de Educação – Curso de Pedagogia da UEPB/Campus III. E-mail: mariajulia@servidor.uepb.edu.br

ABSTRACT

This study focuses on children's literature and its potential use in the early years of elementary school, with the general objective of analyzing the contributions of children's literature to the learning of reading and writing in the Portuguese language during the literacy cycle. The specific objectives are: to discuss how children's literature can spark children's interest in reading and writing during the literacy cycle; to investigate the role of children's literature in the development of reading and writing skills during the literacy cycle; and to identify the use of children's literature by teachers in the literacy cycle in the teaching and learning process of reading and writing in the Portuguese language. To deepen the theme, this research had theoretical support from works that reflect on the definition, characteristics, and historical trajectory of children's literature, highlighting that it is a genre that accompanied the consolidation of the concept of childhood, being made for this phase (Lajolo; Zilberman, 2007; Zilberman, 2012; Coelho, 2000). Associated with this, the contributions of children's literature to the learning and development of children and its use in the classroom were discussed (Amarilha, 2002; Cadermatori, 2010; Cavalcanti, 2009), as well as the historical journey of literacy in Brazil, highlighting its challenges and changes over time. As a methodological path, this research presented a link to the qualitative approach (Minayo; Deslandes, 2002), having carried out field research in the municipality of Alagoinha, located in the brejo paraibano region. As a data collection instrument, interviews were conducted with teachers from the municipal public school system who worked in the 1st and 2nd years of elementary school. The analysis of these interviews was produced based on Content Analysis based on Bardin (2004). The results showed that teachers recognize the playful and educational nature of children's literature, highlighting its contributions to student learning. The research collaborators also promote access to works in different, but planned, ways, including them in their classes, whether recreationally or to facilitate the understanding of curricular content in literacy. It is also verified that the school is an important environment to enable this work, through the library. Children's literature, therefore, emerges as a valuable resource, capable of transforming the learning experience and contributing significantly to the formation of readers.

Keywords: Children's Literature; Literacy Cycle; Reading and Writing Learning.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo se inscreve no debate atual sobre o papel da literatura infantil no processo de aprendizagem da leitura e escrita da língua portuguesa. Ele surge da percepção de que a literatura infantil é muitas vezes utilizada de forma secundária na sala de aula, prioriza-se, então, a realização de atividades mecanizadas, em detrimento do verdadeiro estímulo ao gosto pela leitura e o prazer no desenvolvimento da aquisição da língua escrita. Historicamente, esse tipo de literatura foi vista de modo suplementar, ignorando a própria criança e seus interesses.

Partindo dessa perspectiva, a literatura infantil surgiu no século XVIII, a partir do reconhecimento das crianças como um público distinto, com necessidades formativas próprias, o que desencadeou um olhar mais específico para a infância. Antes desse período as crianças não eram concebidas a partir de suas características próprias, mas como mini adultos, e eram tratadas dessa forma (Ariès, 1981). Essa concepção implicava na falta de proteção e cuidados específicos para elas, comprometendo seu bem-estar e crescimento saudável.

Com a mudança da forma como as crianças eram percebidas, os livros e textos começaram a ser produzidos para atender ao caráter distintivo desse grupo, contribuindo para o desenvolvimento intelectual e cultural dessa faixa etária, valorizando-se como uma fase importante da vida do indivíduo.

A partir dessa valorização, os livros foram introduzidos no contexto escolar e a escola reformulou-se para ser um lugar específico para as crianças. Ela surgiu através da necessidade de preservar a fragilidade e a inocência, reunindo um grupo igual na idade e na impotência, sendo um espaço onde predominava as normas e valores da burguesia³, além de transmitir conhecimento segundo a visão dos adultos (Zilberman, 2012).

A escola se constituiu e ainda se constitui como um espaço privilegiado para o contato com a literatura e tem se responsabilizado pelo ensino da linguagem escrita. Os livros infantis, nesse contexto, se apresentam como uma ferramenta atrativa para a introdução ao universo letrado, se configurando como um instrumento motivador para a alfabetização.

As histórias lidas ou narradas desempenham um papel fundamental em despertar o interesse e o prazer pela leitura, além de facilitar a aquisição da habilidade de ler e a apropriação do sistema de escrita devido, sobretudo, aos seus elementos, como ilustrações e linguagem característica para essa fase, ou seja, narrativas que correspondem ao nível de desenvolvimento e vivências das crianças.

Sob essa ótica, a literatura infantil se mostra como algo próximo ao mundo do leitor, sendo um instrumento para a ampliação da sua compreensão do signo linguístico, uma vez que, “a literatura infantil digna do nome estimula a criança a viver uma aventura com a linguagem e seus efeitos, em lugar de deixá-la cerceada pelas intenções do autor [...]” (Cademartori, 2010, p. 5).

A literatura para o público infantil, nesse sentido, vai além da função de estímulo a obediência e uso para atividades mecanicistas, geralmente, atribuídas a ela no âmbito escolar. Usada em muitos casos como um instrumento para ensinar comportamentos e habilidades que são considerados importantes, mas que nem sempre estimulam a criatividade ou o pensamento crítico, considera-se hoje a necessidade de romper com essa visão limitada, reconhecendo seu papel fundamental na formação dos indivíduos.

É importante destacar que, em algumas salas de aula, a literatura infantil tem sido utilizada, sem um enfoque pedagógico adequado, isto é, falta muitas vezes a introdução de livros infantis de modo direcionado, a fim de que a criança não só aprenda, mas também adquira gosto pela leitura. A ausência dessa abordagem pode comprometer o valor educativo da literatura infantil, negligenciando a sua capacidade de promover a alfabetização e a expressividade verbal que a própria instituição escolar almeja que as crianças possuam.

Portanto, é essencial que os educadores incorporem a literatura infantil de maneira consciente e planejada em suas práticas docentes, explorando seu potencial como ferramenta eficaz no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa. Partindo desse pressuposto, apresentamos o seguinte questionamento de pesquisa: quais as contribuições da literatura infantil na aprendizagem da leitura e escrita da língua portuguesa no ciclo de alfabetização?

Esta pesquisa se justifica com base no atual cenário da educação brasileira, em que muitos/as alunos/as chegam ao fim dos anos iniciais do Ensino Fundamental sem estarem devidamente alfabetizados, tendo uma relação ainda distante com a leitura e escrita, e nas

³ Segundo Zilberman (2012) a escola preparava os alunos para o mercado de trabalho, ensinando habilidades e conhecimentos úteis para o desempenho de funções específicas, além disso, a disciplina era fundamental para o bom funcionamento da escola e para a formação de indivíduos obedientes e submissos, não era apenas um espaço de aprendizagem, mas também um instrumento de reprodução social. Ela transmitia esses valores e normas da burguesia, preparando os alunos para ocupar seus lugares na sociedade, os alunos de classes mais baixas, por exemplo, eram direcionados para profissões menos prestigiadas e com menor remuneração.

experiências durante a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), bem como no Estágio Supervisionado. Diante disso, ao ter a oportunidade de exercitar a prática docente, a literatura infantil, se bem utilizada, pode ser um artifício poderoso para contornar as dificuldades dos discentes nessa etapa, visto o evidente interesse que desperta neles.

Para refletir acerca dessa questão delineamos como objetivo geral desta investigação: analisar as contribuições da literatura infantil para a aprendizagem da leitura e escrita da língua portuguesa no ciclo de alfabetização. E como objetivos específicos: discutir como a literatura infantil pode despertar o interesse das crianças pela leitura e pela escrita no ciclo de alfabetização; investigar o papel da literatura infantil no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita no ciclo de alfabetização; identificar a utilização da literatura infantil por professores do ciclo de alfabetização no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita da língua portuguesa.

A relevância dessa pesquisa pode ser considerada diante do destaque ao período de alfabetização para o pleno desenvolvimento escolar e pessoal das crianças e pode contribuir para que esses aspectos sejam otimizados, integrando as metodologias de ensino. Assim, a pesquisa sobre a literatura infantil na alfabetização é importante para aprofundar o conhecimento sobre o papel da leitura no desenvolvimento da linguagem e da escrita. Os resultados podem contribuir para a criação de um ambiente alfabetizador mais rico e estimulante, auxiliando na formação dos futuros leitores.

Para o embasamento teórico utilizamos Cademartori (2010), Amarilha (1997, 2002), Zilberman (2012), Cavalcanti (2009) a fim de discutir sobre a literatura infantil no contexto escolar e suas contribuições para o desenvolvimento das crianças; Yunes (2010), para refletir acerca da importância da formação de sujeitos leitores na sociedade atual; Soares (2003) e Mortatti (2019), visando traçar o percurso histórico da alfabetização e suas definições, entre outros.

A natureza desse estudo se caracterizou como qualitativa em educação, sendo também um estudo de campo, envolvendo a coleta de dados, através da entrevista. Segundo Minayo e Deslandes (2002, p. 22) “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Nessa perspectiva, o pesquisador busca captar a complexidade e a subjetividade dos fenômenos estudados. Para a análise dos dados utilizamos a análise de conteúdo (Bardin, 2004), a qual se caracteriza como um conjunto de técnicas de investigação que visam descrever, analisar e interpretar o conteúdo de comunicações, objetivando compreender de modo profundo os dados obtidos na entrevista.

Ao decorrer do estudo, apresentamos dois itens no referencial teórico, discorrendo sobre o trajeto histórico e os conceitos da literatura infantil e o processo de alfabetização, na sequência trazemos o percurso metodológico, elencando o tipo de pesquisa, instrumento de coleta de dados, colaboradores da pesquisa, dentre outras informações. Posteriormente apresentamos a análise dos dados, que está distribuída em três tópicos, onde buscamos responder aos objetivos de pesquisa propostos e por fim as considerações finais.

2 LITERATURA INFANTIL: TRAJETO HISTÓRICO E CONCEITOS

A literatura infantil tem seu marco inicial no início do século XVIII diante de intensas transformações no conceito de família e na consolidação da infância. Em princípio, surgiu na França, com as publicações de autores como La Fontaine, Fénelon e Charles Perrault, disseminando-se posteriormente na Inglaterra e formulada a partir da coleta, escrita e

publicação de histórias que circulavam apenas de forma oral na sociedade (Lajolo; Zilberman, 2007).

Os textos infantis em sua gênese, eram compostos por contos e fábulas, que tinham como principal objetivo instruir as crianças moralmente, ou seja, possuíam sempre alguma lição a ser internalizada. Assim, “marcada pela pedagogia e reconhecendo-se que o texto tinha um destinatário de pouca idade, os textos apresentam-se com tom moralizante — ignorando a psicologia infantil que tem especial apreço pelo lúdico, pela fantasia” (Amarilha, 2002, p. 129). A partir disso, os livros infantis, eram compostos por histórias que direcionavam as crianças para o segmento de princípios e comportamentos determinados pelos adultos. Só depois os livros infantis começaram a ser escritos visando entreter e divertir de fato as crianças, possibilitando experiências de leitura enriquecedoras e estimulantes.

Diante disso, através da industrialização e avanço das tecnologias o mercado livreiro expande a produção de obras, especialmente a partir do século XIX. Ressalta-se, então, a ligação inerente entre a literatura e a escola, pois para que o consumo da literatura infantil fosse efetivado a criança precisava adquirir a habilidade de ler e escrever e isso foi desenvolvido primordialmente através da aprendizagem no âmbito escolar. Nesse sentido, literatura e escola possuem uma relação de interdependência.

Sobre esse ponto, Lajolo e Zilberman (2007, p.17) afirmam que

os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação.

Por conseguinte, isso ocasionou a produção em larga escala de livros e materiais de leitura, facilitando o acesso a obras infantis para um público mais amplo. É imprescindível destacar títulos amplamente conhecidos como Chapeuzinho Vermelho e Cinderela, de Charles Perrault, que misturavam a fantasia com temas de ascensão social e mérito individual, refletindo os ideais de sucesso valorizados pela burguesia (Cademartori, 2010); João e Maria e Rapunzel, dos Irmãos Grimm, com suas histórias ricas em imaginação; O Patinho Feio, de Christian Andersen; Peter Pan, de James Barrie; entre outras obras que contribuíram para ampliar o repertório da literatura infantil e conquistaram as crianças ao longo das gerações.

No Brasil, a produção literária voltada para as crianças teve um início tímido, no século XIX, com a chegada da família real. Os textos que circulavam no país eram adaptações de alguns contos europeus, sobretudo, franceses. Só na transição do império para o Regime Republicano, com mudanças no mercado livreiro e diante da necessidade de fornecer material didático para o novo modelo das instituições escolares é que a procura e desenvolvimento dos livros infantis se acentuou, no entanto, ainda visando essencialmente a transmissão de valores e normas sociais (Coelho, 2000).

No começo do século XX, a literatura infantil brasileira começou a se voltar para questões nacionais com fins educativos. Monteiro Lobato, considerado o precursor da literatura infantil brasileira, dá início a uma produção literária genuinamente nacional, segundo Coelho (2006). A partir da publicação, em 1921, da obra infantil “A menina do narizinho arrebitado”, se iniciou uma nova fase da produção brasileira endereçada a crianças e jovens.

A escrita de obras com abordagem mais simples e direta, combinada com a valorização do folclore nacional, refletindo a brasilidade foram os principais traços da literatura de Lobato, o qual buscava primariamente entreter as crianças, contribuindo para minimizar o caráter educativo e aproximando os livros do seu público-alvo: as crianças.

No entanto, embora suas obras assumam uma grande importância para a produção literária brasileira, seus livros foram alvo de inúmeras críticas e debates ao longo do tempo, devido, sobretudo, a presença de termos racistas quando se referia a personagens negros. Atualmente, nas novas edições são usadas estratégias que buscam equilibrar o respeito à obra original com a responsabilidade social de promover uma leitura que não reforce estereótipos.

Paralelo a isso, na década de 70, a partir do legado de Lobato, deu-se início a uma fase bastante fecunda da literatura infantil brasileira. Surgiram novos autores que buscaram explorar temas diversificados e que permanecem ainda sendo referência no gênero, destacamos: Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes, Ziraldo, João Carlos Marinho e Marina Colasanti (Lajolo; Zilberman, 2007). Assim consolidou-se a união entre texto, ilustração e elementos gráficos, renovando, desse modo, o cenário literário do país. Sob esse panorama, evidencia-se a apreciação da inventividade e da habilidade das crianças em criar, imaginar e questionar, como se observa em: “Marcelo, marmelo, martelo” de Ruth Rocha, “O menino maluquinho” de Ziraldo e diversos outros.

A partir disso, a literatura infantil brasileira foi estabelecendo sua identidade, rompendo com aqueles objetivos e mecanismos de construção de texto anteriormente vistos oriundos da literatura estrangeira, substituindo a imagem da criança passiva e obediente pela criança curiosa, capaz de inventar, pensar, que indaga acerca de si e do mundo (Amarilha, 2002). Nessa perspectiva os autores se colocam verdadeiramente no lugar desse público, despertando a imaginação, focando nos interesses dessa faixa etária e abordando temas como a diversidade e conflitos do universo infantil.

Sob essa ótica, no contexto atual a literatura infantil é ampla, possuindo várias dimensões artísticas, abrange também em suas narrativas a pluralidade, representatividade e inclusão de forma leve e com linguagem específica para o público infantil. Nesse sentido, é possível abordar essas questões a partir de obras como: “Amoras” do Rapper e escritor Emicida e “O cabelo de Lelê” da autora Valéria Belém, que celebram a beleza negra e a autoestima; outros exemplos são “Meu vô Polinário” e “A árvore que dava dinheiro” ambos do escritor indígena Daniel Munduruku, que mostram a riqueza, as tradições e a multiplicidade dos povos originários.

Diante disso, conforme Yunes (2010, p. 2) “é a leitura das muitas linguagens e códigos que efetivamente pode dimensionar o lugar do homem na construção de uma sociedade mais justa, de uma sociedade mais equilibrada, que todos buscamos”, assim, na atualidade, somado aos objetivos de instruir e divertir, encontra-se o de promover o respeito, o conhecimento e a formação de leitores críticos e conscientes do seu papel no meio social. Desse modo, a literatura voltada para as crianças ganha um novo significado e projeção, sobretudo com a sua adaptação as novas tecnologias.

A literatura infantil se define através da produção de obras literárias para o público infantil, caracterizada por sua linguagem acessível, narrativas envolventes, ilustrações coloridas e temas que abordam questões relevantes para a formação das crianças. Ela desempenha um papel fundamental nos aspectos emocionais e cognitivos dos leitores em construção, podendo ser considerada também como arte (Amarilha, 1997).

Se constituindo como uma categoria textual que engloba uma grande diversidade de gêneros como poesias, contos, fábulas e histórias, a literatura infantil possui a especificidade de atender as necessidades de determinada faixa etária por meio das narrativas, adequando-se aos interesses e estágio de compreensão das crianças.

Por exemplo, os livros criados para bebês possuem elementos específicos como mais ilustrações e texturas, para permitir que eles consigam interagir com a obra. À medida que as crianças crescem, dos 3 aos 5 anos, os livros infantis começam a introduzir narrativas simples e ilustrações cativantes, bem como histórias curtas com personagens e enredos simples. Já os livros infantis para os 6 aos 8 anos focam na leitura inicial, os enredos se tornam mais

complexos e o texto desafia as habilidades de leitura emergentes das crianças, começando a ter mais foco na compreensão da história.

Cademartori (2010, p. 4-5) afirma que:

o autor escolhe uma forma de comunicação que prevê a faixa etária do possível leitor, atendendo seus interesses e respeitando suas potencialidades. A estrutura e o estilo das linguagens verbais e visuais procuram adequar-se às experiências da criança. Os temas são selecionados de modo a corresponder às expectativas dos pequenos, ao mesmo tempo em que o foco narrativo deve permitir a superação delas.

Desse modo, os textos infantis possuem uma vasta pluralidade e podem ser produzidos também com o objetivo de promover conhecimento e estímulos para que a criança avance no seu estágio de desenvolvimento, permitindo que ela perceba sentido no que ela lê ou ouve através da contação de histórias. Nesse sentido, a forma de comunicação presente nos textos é um aspecto fundamental para gerar a identificação das crianças com o livro lido, assim, precisa se adequar ao público a que se destina.

A literatura infantil também possui a singularidade de abordar desde temas cotidianos até os mais abstratos, sem se prender a um único assunto. Essa liberdade temática permite que o livro infantil explore a imaginação e a curiosidade da criança, expandindo seus horizontes e despertando seu interesse por diferentes áreas do conhecimento, posto que, ela permite de forma leve e lúdica que a criança conheça e entenda tanto questões internas, de si, quanto externas do meio em que está inserida.

A esse respeito, Zilberman (2012, p. 15) afirma que,

[...] o livro infantil desconhece um tema específico, não é determinado por uma forma (seja verso ou prosa, novela ou conto) e, ainda, escorrega livremente da realidade para o maravilhoso. Além disso, incorpora ao texto a ilustração e admite modalidades próprias, como o conto de fadas ou a história com animais.

Dessa forma, infere-se que essa versatilidade se manifesta na diversidade de formas que pode assumir, permitindo que as crianças explorem uma ampla gama de gêneros literários. Além disso, a presença de ilustrações e a utilização de modalidades próprias, como contos de fadas e histórias com animais, enriquecem a experiência de leitura, estimulando a imaginação e a curiosidade. Dessa forma, a literatura infantil não apenas entretém, mas também serve como uma porta de entrada para o aprendizado sobre o mundo, incentivando a exploração de temas que vão desde a natureza e a ciência até a moral e a ética, contribuindo para a formação de leitores críticos e criativos.

Nesse sentido, de acordo com Zilberman (2008), a literatura infantil consegue atrelar a “racionalidade da linguagem” com a fantasia e a ficção, desse modo mesmo as obras mais ficcionais estão ancoradas na realidade, posto que a imaginação do escritor precisa se submeter à lógica da língua. A força do imaginário e a liberdade artística impulsionam os autores à originalidade e inovação constante, gerando novas formas de expressões que expandem os limites da linguagem e da percepção, vinculando-se com o contexto histórico e cultural do seu tempo, se constituindo como um reflexo lúdico da sociedade.

3 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UM BREVE DEBATE

A partir da Proclamação da República no Brasil, a educação assume um grande destaque e conseqüentemente a escola se estabelece como uma instituição que visa formar as novas gerações. Isso ocorreu, sobretudo, através do objetivo central de corresponder aos ideais de renovação e progresso daquele período vigente (Mortatti, 2019). Diante disso, saber

ler e escrever, segundo esses ideais eram uma condição para a evolução social do país, essa aprendizagem, antes restrita apenas à burguesia, passa a ser um dos maiores princípios da escola formal.

Nessa conjuntura, o ensino e aprendizagem da leitura e escrita eram observados como a entrada para um contexto diferente, promovendo uma transformação nas relações humanas e na percepção do mundo, um “mundo público da cultura letrada, que instaura novas formas de relação dos sujeitos entre si, com a natureza e com a história; um mundo novo que instaura, enfim, novos modos e conteúdos de pensar, sentir, querer e agir” (Mortatti, 2019, p. 30). Contudo, apesar dessa aparente valorização da alfabetização escolar, os problemas nesse processo são evidentes desde sua origem, continuando com resultados insatisfatórios e sendo um dos temas centrais nas discussões sobre a educação.

O movimento histórico da alfabetização no Brasil é marcado por uma sobreposição de métodos, cria-se um método para alfabetizar e com o seu fracasso ou ineficiência, dá origem a formulação de um novo que logo substitui o antigo, para evitar ou corrigir as desvantagens do anterior (Braslavsky, 1988). Isso mostra uma intensa disputa metodológica no tocante a alfabetização no país. Os principais métodos são classificados em dois grupos: sintéticos e analíticos, o primeiro começa com a análise dos elementos gráficos, como letras e sons, para depois formar palavras, já nos analíticos o aprendizado inicia com palavras ou frases inteiras, para posteriormente analisar os elementos que são compostos.

Dessa forma, “cada método de alfabetização focaliza uma parte do processo de aprendizagem do sistema alfabético, assumindo uma determinada faceta desse processo como sendo o todo” (Soares, 2020, p. 286). Nesse raciocínio, um ponto em comum entre ambos é que não consideram as individualidades da turma e possuem sua eficácia limitada, mesmo auxiliando na alfabetização de muitos alunos ao longo da história. Esse panorama reflete a busca contínua por práticas mais eficazes, evidenciando a complexidade do processo de ensinar a ler e a escrever.

Em 1980, Emília Ferreiro e Ana Teberosky, revolucionaram a forma de pensar a alfabetização com sua obra "A Psicogênese da Língua Escrita". Através de pesquisas com crianças, elas demonstraram que a escrita não é simplesmente um processo de memorização de letras e regras, mas sim uma construção gradual e complexa, baseada em hipóteses e descobertas, assim, “a alfabetização é um processo que envolve a construção de significados e não apenas a aquisição de habilidades técnicas” (Ferreiro; Teberosky, 1999, p. 22). A teoria parte do princípio de que a criança não é um "recipiente vazio" a ser preenchido com informações, mas sim um sujeito ativo que constrói seu próprio conhecimento sobre a escrita.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Nº 9.394/96, um dos aspectos fundamentais abordados é a alfabetização, que é considerada um direito de todos os cidadãos e uma etapa crucial no processo de formação educacional. Sob essa ótica, o artigo 4 da lei estabelece que é dever da educação garantir: “alfabetização plena e capacitação gradual para a leitura ao longo da educação básica como requisitos indispensáveis para a efetivação dos direitos e objetivos de aprendizagem e para o desenvolvimento dos indivíduos” (Brasil, 1996, p. 10). Isso reflete a preocupação em assegurar que não seja apenas uma formalidade, mas sim uma etapa que deve ser efetiva e inclusiva. Portanto, além de uma questão de acesso à educação, é preciso garantir qualidade no processo de ensino, assegurando que todos os alunos alcancem a plena capacidade de leitura e interpretação ao longo de sua jornada educacional.

Quando uma criança é alfabetizada, ela ganha acesso a um mundo de informações e possibilidades. Entretanto, a alfabetização não é um processo simples e linear, cada criança aprende em seu próprio ritmo e tem suas próprias necessidades e dificuldades. Por isso, é essencial que educadores criem um ambiente propício, com atividades significativas que estimulem o interesse e motivem a criança, pois na sociedade atual não se enquadra mais a

concepção de que para ser alfabetizado é suficiente apenas saber decodificar as letras, sílabas e frases. Sobre isso, Soares (2004, p. 14) destaca que

a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

Nesse sentido, a alfabetização envolve muito mais do que simplesmente aprender a decodificar letras e formar palavras, conforme já dito, é um caminho que deve levar a criança a compreender o significado do que se está lendo e a se expressar de forma eficaz por meio da escrita, ela é uma base para o aprendizado em todas as áreas do conhecimento e é fundamental para a evolução escolar e pessoal da criança. Destaca-se também a sincronia entre letramento e alfabetização, pois o letramento representa a capacidade de usar a linguagem escrita de forma significativa em diferentes contextos sociais e culturais. O leitor, então se insere de modo efetivo no meio social, sendo capaz de utilizar seus conhecimentos para atuar na sociedade. Segundo Ferreiro (2017, p. 41),

temos uma imagem empobrecida da língua escrita: é preciso reintroduzir quando consideramos a alfabetização, a escrita como sistema de representação da linguagem. Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atrás disso há um sujeito cognoscente, alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu.

Diante disso, compreende-se que a criança possui seus saberes prévios que necessitam ser considerados no processo de alfabetização; ela não é um ser passivo que apenas ouve e absorve conhecimento, ao longo da sua vida aprende no contexto escolar e fora dele. Assim, a criança tem contato com os elementos alfabéticos antes da escolarização e a alfabetização é um caminho contínuo, prosseguindo ao longo da vida do indivíduo. A escola atua, dessa forma, oferecendo oportunidades de aprendizado para todos, independentemente do contexto em que se está inserido, uma vez que, sendo um espaço dedicado ao aprendizado e desenvolvimento humano, desempenha um papel crucial na evolução dos futuros leitores.

Alfabetizar, nesse contexto, vai além da utilização de modelos e técnicas, destaca-se a importância de incorporar mecanismos de leitura e escrita que sejam interessantes e despertem a curiosidade das crianças, fugindo do apego a textos que não informam nem comunicam nada e que muitas vezes não condizem com as necessidades de aprendizagem das crianças. Conforme Ferreiro (2017, p. 23): “[...] se propõe a criança orações para ler e para copiar que constituem uma afronta a inteligência infantil”. Sob essa ótica, infere-se que elas precisam de textos que sejam interessantes, divertidos e desafiadores para manter sua atenção e motivação.

Assim, a literatura, apresentada de modo objetivo e planejado pode auxiliar na compreensão da linguagem, tornando as crianças indivíduos ativos nesse processo. Sobre a literatura no ciclo de alfabetização, Zilberman (1991, p. 18) ressalta que: “alfabetizando, ela converte cada indivíduo num leitor, introduzindo-o no universo singular de sinais da escrita, cujo emprego é tornado habitual por meio de treinamentos contínuos”. Isso possibilita a entrada ao universo da literatura, pois quanto mais o leitor se expõe à literatura e pratica a leitura, mais fluente e confortável ele se torna aos elementos da linguagem escrita, entende-se, desse modo que a alfabetização e a literatura possuem um elemento principal em comum: a palavra, e é através dela que ambas se desenvolvem e assumem seu sentido.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Compreendemos pesquisa como uma atividade básica da ciência que vincula pensamento e ação, através da investigação e indagação acerca de um determinado objeto, (Minayo; Deslandes, 2007). Nesse sentido, o presente trabalho possui abordagem qualitativa em educação, a qual se concentra em compreender a realidade social a partir da análise de experiências vivenciadas por indivíduos, grupos ou organizações. Essa abordagem é fundamental para a compreensão da complexidade da realidade social e utiliza técnicas para capturar a dimensão coletiva a partir da visão individual do pesquisador (Minayo; Deslandes, 2007).

Para a metodologia, a priori foi realizada uma pesquisa exploratória, a partir de uma revisão bibliográfica, para construção da fundamentação teórica sobre os conceitos e apresentação da temática, visando ainda obter um conhecimento mais profundo sobre o tema, com base em estudos e pesquisas de outros autores. Inicialmente a busca foi realizada mediante palavras-chave, como literatura infantil e alfabetização, no site do Google Acadêmico e Scielo, obtendo dessa forma uma visão mais profunda da temática.

Com os dados obtidos da pesquisa exploratória, foi feita uma pesquisa de campo, onde “o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo” (Gil, 2002, p. 53). Assim, a pesquisa de campo permite a comunicação direta com os indivíduos pesquisados e a aproximação do pesquisador com a realidade estudada.

Dessa forma, buscando analisar as contribuições da literatura infantil para a aprendizagem da leitura e escrita da língua portuguesa no ciclo de alfabetização, a pesquisa foi realizada em três instituições públicas do município de Alagoinha-PB. Entendemos que optar por uma cidade do interior do Estado permite evidenciar as especificidades locais indo além dos grandes centros urbanos onde as pesquisas geralmente são realizadas.

A escolha pelo município se deu também a partir do aumento considerável de sua nota no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e percentual de aprovação nas séries iniciais⁴. Além disso, a escolha por três instituições visou obter informações em contextos de ensino diferentes, dentro da realidade da pesquisadora, que se constituíssem como escolas da zona urbana, fossem as maiores do município e, portanto, recebessem mais estudantes.

Quanto aos colaboradores da pesquisa, foram selecionadas quatro professoras, objetivando a coleta de informações de pelo menos um professor por escola. Entretanto, importa salientar que na Escola JB foram realizadas entrevistas com duas docentes, enquanto na Escola CM e na Escola SF foram entrevistadas uma professora cada. Nossa intenção inicial era entrevistar as professoras do ciclo de alfabetização (1º e 2º anos), contudo, nas escolas selecionadas, apenas uma delas tinha as duas turmas. Com isso, para fazer uma análise das experiências de alfabetizadores de pontos de vista distintos, optamos por duas docentes que atuavam no primeiro ano do Ensino Fundamental e duas no segundo ano, turmas que compõem o ciclo de alfabetização escolar. Priorizamos docentes que possuíam no mínimo cinco anos de experiência, tendo em vista que se configuram como professores experientes e já dispõem de um conhecimento prático adquirido ao longo dos anos de atuação em sala de aula.

Para preservar a identidade das escolas e das docentes que colaboraram na pesquisa e assegurar a integridade ética, utilizamos nomes fictícios, a saber: Cinderela, Rapunzel, Aurora e Bela, já as instituições onde essas professoras atuavam, foram nomeadas de Escola JB,

⁴ O município alcançou 4,9 na nota do IDEB e a taxa de aprovação de 96,6 nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Escola CM e Escola SV. Para melhor compreensão organizamos as informações no quadro abaixo:

Quadro I – Caracterização das colaboradoras da pesquisa

Escola	Professoras	Turmas que lecionam
Escola JB	Aurora	2º ano
	Bela	1º ano
Escola CM	Cinderela	2º ano
Escola SF	Rapunzel	1º ano

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Para responder ao questionamento da nossa investigação utilizamos como instrumento de coleta de dados a entrevista, tendo em vista que é uma técnica de coleta de dados que envolve uma conversa entre o pesquisador e o entrevistado, com o intuito de obter informações sobre um determinado tema ou problema. Assim, acerca da entrevista Minayo e Deslandes (2007, p. 64) definem que: “ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo”. Desse modo, possibilita entender as experiências e percepções dos atores envolvidos no processo educacional e pode ser utilizada para coleta de informações.

Diante disso, para categorizar, codificar e interpretar os dados obtidos na pesquisa, usamos a técnica da Análise de Conteúdo, permitindo uma compreensão mais profunda dos temas e padrões emergentes nas respostas das entrevistadas. Sobre isso, Bardin (2004, p. 31) afirma que, “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, assim permite que o pesquisador identifique não apenas o que foi dito, mas também como e por que foi dito, proporcionando uma compreensão mais rica do contexto social e emocional dos entrevistados.

Sendo assim, a análise foi composta por três etapas principais (Bardin 2004): a pré-análise que envolveu a organização do material coletado, que em nosso caso incluiu as transcrições das entrevistas realizadas com as quatro professoras; a exploração do material, realizada a partir da leitura das transcrições e da elaboração de quadro de análise onde foram identificadas as unidades de sentido e categorias de análise; e o tratamento dos resultados onde interpretamos os resultados dialogando com nossa fundamentação teórica, o que permitiu realizar inferências sobre as contribuições da literatura infantil para a aprendizagem da leitura e escrita da língua portuguesa no ciclo de alfabetização.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES SOBRE A LITERATURA INFANTIL: O QUE NOS DIZEM AS PROFESSORAS?

O processo de alfabetização é complexo e fundamental para que as crianças alcancem sucesso no decorrer de sua trajetória educacional e pessoal, posto que a leitura e escrita vai influenciar não apenas no bom desempenho nas disciplinas escolares, mas também na sua inserção plena na vida social. Assim, os educadores precisam investigar formas de tornar esse processo mais efetivo e leve.

Sob essa ótica ao longo dos tópicos que se seguem buscamos analisar as contribuições da literatura infantil para a aprendizagem da leitura e escrita da língua portuguesa no ciclo de alfabetização, visando discutir em cada um deles os objetivos específicos elencados na pesquisa. Para isso, foi estabelecido um diálogo íntimo com os autores que nos embasaram teoricamente. Na interpretação dos dados realizamos um quadro com base nas respostas das entrevistas que permitiram, inicialmente, identificar as unidades de sentido presentes nas falas que demonstravam seus elementos centrais, e assim, denominar as categorias analíticas, sendo estas: biblioteca e recursos como meios de incentivo a leitura, encantamento que os livros infantis despertam, reações a contação de histórias típicas do desenvolvimento infantil e predileção a determinados gêneros, ludicidade do livro infantil, auxílio na alfabetização, contato mesmo sem saber ler, prática de ler como um estímulo a aquisição da leitura, diversidade de níveis de alfabetização, escolha dos livros baseada no desenvolvimento dos alunos e na predileção, utilização diária da literatura infantil a partir da leitura deleite, utilização semanal através do conto, trabalho dos conteúdos disciplinares com a literatura infantil e o desenvolvimento de outras habilidades na alfabetização.

5.1 A literatura infantil como catalisadora do interesse pela leitura e escrita no ciclo de alfabetização

Esse tópico visa discutir como a literatura infantil pode despertar o interesse das crianças pela leitura e pela escrita no ciclo de alfabetização a partir da compreensão das professoras colaboradoras da pesquisa. Nesse item, foram identificadas as seguintes categorias de análise: biblioteca e recursos como meios de incentivo a leitura, encantamento que os livros infantis despertam, reações a contação de histórias típicas do desenvolvimento infantil e predileção a determinados gêneros.

Destaca-se que o professor atua como o principal mediador entre a criança e o livro infantil assumindo um papel fundamental para que esse contato seja possível e significativo. Partindo desse pressuposto, ao serem questionadas sobre a utilização da literatura infantil em suas aulas, todas as professoras afirmaram que fazem uso e que nas escolas os alunos podem ter acesso aos livros. É possível observar também que ao fazer essa inclusão dos livros infantis na rotina da sala de aula elas possibilitam o acesso a eles de formas distintas, duas professoras destacaram a prática de levar seus alunos à biblioteca, como podemos ver a seguir:

[...] uma vez na semana eu junto toda turma e levo pra lá [na biblioteca], eles escolhem livros que querem e levam para casa. (Cinderela, Escola CM, 2024).

[...] eu venho pra biblioteca com eles. (Bela, Escola JB, 2024).

Assim, nas falas de Cinderela e Bela fica evidente que elas permitem que os alunos tenham um contato direto com os livros da biblioteca, o que sugere seu envolvimento e sua presença durante o momento da escolha dos livros. Esse tipo de participação ativa da professora pode ajudar a orientar os alunos na seleção de materiais de leitura, promovendo o desenvolvimento de critérios e preferências literárias e criando um ambiente de apoio e acolhimento em torno do ato de ler. Em ambas as falas, podemos inferir o esforço das

professoras em inserir a biblioteca como um espaço acessível e parte do cotidiano escolar, fomentando um vínculo positivo com o ambiente de leitura. Essa prática é fundamental para construir um relacionamento afetivo das crianças com os livros, promovendo o gosto pela leitura desde cedo.

Nesse contexto, ter um local na escola destinado ao armazenamento e exposição dos livros é essencial para que essas práticas das docentes sejam possíveis. Isso permite que as professoras possibilitem o contato com a literatura infantil na própria instituição, utilizando desse espaço para aproximar os alunos dos livros. É um ambiente que deve ser aberto, acolhedor e convidativo, onde a leitura não é uma obrigação. As crianças, livres para explorar o acervo, descobrem novos interesses, desenvolvem o amor pela leitura e ampliam seus horizontes. Corroborando com essa análise, Lourenço Filho (1946, p. 3-4) afirma que

ensino e biblioteca são instrumentos complementares [...], ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a alternativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado, instrumento vago e incerto.

A biblioteca, portanto, não é um mero repositório de livros, mas um ambiente vivo e dinâmico que, em sintonia com o ensino, potencializa o aprendizado, estimula a curiosidade, amplia o repertório cultural e viabiliza o trabalho com as obras literárias.

Ainda com relação ao acesso, Rapunzel utiliza um outro recurso para promover esse contato:

eles levam pra casa a maleta da leitura, então eles levam pra casa, leem com os pais. (Rapunzel, Escola SF, 2024).

Isso indica que estratégias para promover o acesso à literatura infantil nas escolas estão em prática e, além disso, valorizam a participação ativa da família no processo de alfabetização. A fala de Rapunzel evidencia uma abordagem colaborativa entre escola e família por meio da “maleta da leitura”, um recurso em que os alunos levam livros para casa e compartilham o momento de leitura com os pais. Essa estratégia reforça o desenvolvimento do prazer da leitura, criando um laço importante entre o livro e a família, que atua como um estímulo positivo para as crianças.

Nesse sentido, como destaca Yunes (1995, p. 186):

o prazer é também um longo aprendizado, embora esteja presente desde sempre, nos ensina Freud, na pulsão de vida. A manifestação do prazer precisa ser cultivada, atentamente acompanhada, para que se possa descobrir as condições de sua produção. Com a leitura não acontece de modo diverso.

Desse modo, compreende-se que a leitura não se resume a uma experiência passiva, é, pois, um processo ativo que demanda dedicação, atenção e a busca por compreender as nuances e os mecanismos que a torna prazerosa. A leitura precisa ser cultivada, acompanhada de perto, para que os sujeitos possam desfrutar plenamente de seus benefícios.

Nesse sentido, para que a literatura infantil possa influenciar a aprendizagem da leitura e escrita na alfabetização, ela precisa ser conduzida pelo professor de modo leve e planejado, fazendo com que as histórias, contos e fábulas tornem-se uma parte integrante na rotina da sala de aula, buscando não gerar um efeito contrário ao desejado, tendo em vista que através da curiosidade e interesse o processo se torna mais fácil e expressivo.

Todas as professoras ao estimular o contato com a literatura mostram incorporar a leitura na rotina diária, seja por meio de contação de histórias ou da escolha de livros para momentos de lazer, criando um ambiente propício para o aprendizado. Essa prática não só

facilita o processo de alfabetização, mas também transforma a leitura em um prazer, estabelecendo uma base sólida para o futuro acadêmico e pessoal das crianças.

Ademais, a literatura infantil, devido aos seus elementos atrativos, como ilustrações coloridas e linguagem adequada à faixa etária, personagens e a fantasia, desperta naturalmente na criança um interesse. Como uma docente constata ao verificar o fascínio que as crianças mostram ao entrar em contato com a literatura:

[...] eles ficam encantados, quando eu digo assim, vamos pra biblioteca, parece que estou dizendo: vamos pra uma festa de aniversário! (Cinderela, Escola CM, 2024).

A partir do exposto, percebemos que a recepção dos discentes é muito positiva, Cinderela destaca o encantamento dos seus alunos ao ir para a biblioteca, evidenciando que os livros despertam uma empolgação parecida com a de ir para uma festa. Nesse caso, a literatura infantil demonstra seu caráter recreativo, e isso é fundamental para o desenvolvimento da criança, pois através da brincadeira, da fantasia e da interação com a linguagem, ela aprende e se desenvolve em todos os aspectos. Desse modo,

a leitura de literatura, a leitura da ficção é a que melhor realiza a leitura lúdica, pois o texto literário, seja narrativo ou poético, é uma proposta de jogo. Na poesia, jogo com as palavras, com as sonoridades, com os sentidos. Na narrativa, jogo de máscaras, jogo de faz-de-conta, construído em linguagem. (Amarilha, 2002, p. 83).

É importante ressaltar que a literatura representa um espaço de experimentação, de desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade e do senso crítico. Através do "jogo" com a linguagem, o leitor é convidado a desvendar a narrativa, a se conectar com as emoções dos personagens, a questionar a realidade e a construir novas perspectivas sobre o mundo. Essa característica transforma a literatura em uma forma única de interação, onde o leitor se torna não apenas um receptor de informações, mas um agente ativo. Dessa forma, a literatura vai além da mera transmissão de conhecimentos ou histórias, oferecendo um espaço de liberdade, expressão e criatividade, que permite ao leitor um olhar renovador sobre o mundo e sobre si mesmo.

Rapunzel, em sua resposta evidencia uma ação a partir da contação de história típica da fase que seus discentes estão:

Eles adoram, eles contam, recontam. (Rapunzel, Escola SF, 2024).

Como professora do primeiro ano, com alunos de seis a sete anos, ela afirma que eles contam e recontam as histórias, isso explica-se pelo fato de que na fase de alfabetização e na idade em que se encontram, as crianças estão em um momento crucial de desenvolvimento linguístico e cognitivo, e a prática de contar e recontar as histórias que leem e ouvem desempenha um papel essencial nesse processo.

Esse exercício não apenas contribui para a consolidação da leitura e da escrita, mas também promove o desenvolvimento de habilidades fundamentais para a construção do pensamento crítico e da linguagem. Sobre isso, Amarilha (2002, p.87) salienta que “a necessidade de repetição sustenta-se pelo prazer e pelo sentido da interação com o texto, portanto, do ato comunicativo”.

Ainda no tocante a questão, Bela sublinha em sua fala uma reação muito positiva ligada a determinados gêneros da literatura infantil, demonstrando uma predileção das crianças, como podemos ver:

Eles amam, principalmente quando assim, quando é contos, quando é fábulas, eles amam. (Bela, Escola JB, 2024).

Ela aponta dois tipos de histórias que seus alunos possuem predileção: os contos e as fábulas, o que reflete o encantamento que as crianças demonstram por gêneros clássicos da literatura infantil que estabelecem uma conexão imediata com o seu mundo, oferecendo não só entretenimento, mas também oportunidades de reflexão. Assim, “se o conto de fadas tem a varinha de condão para conquistar a criança, então a sua utilização é fundamental para a formação do leitor adulto” (Cavalcanti, 2009, p. 49), pois estimula a imaginação, o fantástico e a fantasia, elementos essenciais para o desenvolvimento infantil. Além disso, a utilização dos contos de fadas na infância é vista como um alicerce necessário para a formação do gosto e da sensibilidade literária na vida adulta.

Portanto, a literatura infantil pode despertar o interesse das crianças pela leitura e pela escrita no ciclo de alfabetização mediante o fascínio que esta desperta no público infantil devido aos elementos que a compõe. Ela ainda possibilita o contato com a linguagem escrita de um modo que realmente interessa as crianças. A literatura infantil, dessa forma é entendida como uma porta de entrada para o universo letrado. Além disso, destaca-se a relevância de aproveitar o espaço da biblioteca e permitir que os alunos tenham acesso a ela, a considerando fonte rica de estímulo à leitura e aprendizado.

5.2 O papel da literatura infantil no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita no ciclo de alfabetização

A literatura infantil não apenas introduz novas palavras e estruturas gramaticais de forma lúdica, mas também ajuda a criança a desenvolver a compreensão textual, a ampliar o vocabulário e a reconhecer as relações entre fonemas e grafemas. As crianças são expostas a diferentes gêneros textuais, estilos narrativos e formas de expressão, o que enriquece seu repertório linguístico e amplia sua capacidade de comunicar ideias, interpretar o mundo e produzir textos.

Aqui identificamos as categorias de: ludicidade do livro infantil, auxílio na alfabetização, contato mesmo sem saber ler, prática de ler como um estímulo a aquisição da leitura, diversidade de níveis de alfabetização, escolha dos livros baseada no desenvolvimento dos alunos e na predileção. Diante disso, quando questionadas sobre como a literatura infantil pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita identificamos a categoria do aprendizado ligado a ludicidade do livro infantil, como podemos ver posteriormente:

[...] quando você trabalha de forma lúdica, contando uma história, uma encenação, mostrando uma figura, uma imagem, a criança fixa muito mais, chama mais a atenção dela. (Cinderela, Escola CM, 2024).

Nesse contexto, segundo Cinderela, a aprendizagem das crianças torna-se mais efetiva juntamente com a ludicidade que pode ocorrer a partir da contação de uma história, da apresentação de uma figura ou imagem. Podemos inferir que a docente considera que quando o processo de alfabetização se dá juntamente com algum recurso concreto e que chame a atenção do discente, ele assimila melhor o conteúdo, tendo em vista que o lúdico é uma necessidade da infância.

Partindo desse raciocínio, “na literatura vamos encontrar a linguagem no ápice da sua possibilidade, é o contorno de um universo vivo, no qual emergimos na subjetividade do outro” (Cavalcanti, 2009, p. 24). Assim, quando apenas é falado sobre a junção das sílabas ou a ortografia correta das palavras a criança, muitas vezes, não consegue internalizar e aprender de fato, tornando-se uma mera memorizadora e reprodutora de regras gramaticais. No entanto, quando se vê diante de um livro que mistura as palavras, ilustrações, a imaginação ou outros

recursos, ela consegue através desse contato compreender o código escrito de uma forma mais prática e sólida. Por isso mesmo, Bela aponta que os livros auxiliam no processo de alfabetização a partir da presença das imagens e letras:

[...] começa com eles vendo a imagem e vendo as letrinhas e é... a gente começou em fevereiro pra março, no mês de maio tinha criança já juntando as letrinhas. (Bela, Escola JB, 2024).

Ela revela que a literatura infantil influenciou o desenvolvimento dos seus alunos, a partir da observação das imagens e letras. Esse progresso sugere que o uso de materiais literários adequados à faixa etária das crianças pode proporcionar um ambiente que facilita a construção de habilidades linguísticas, como a decodificação e a fluência na leitura.

Uma referência ao início do trabalho com a "imagem e as letrinhas" evidencia a importância dos livros ilustrados no ciclo de alfabetização. Livros infantis frequentemente combinam texto e imagem, o que auxilia as crianças a fazerem associações visuais com as palavras. Essa associação é importante nos estágios iniciais da alfabetização, pois facilita a compreensão do conteúdo, impulsiona o interesse e cria um contexto de significado para as palavras, sabendo que na literatura infantil: "...cada palavra tem sua importância, cada detalhe do desenho também [...] texto e imagem devem formar um todo. Trata-se de habituar a criança a 'interrogar o acontecimento', a descobrir o sentido tanto do texto como da imagem" (Coelho, 2000, p. 191).

Isso evidencia que mesmo sem estar completamente alfabetizada, o contato com os livros permite que a criança realize essa integração. Rapunzel destaca isso na seguinte fala:

[...] a literatura infantil é prioridade, é essencial, é fundamental, ajuda muito sim, porque eles chegam. Lá na minha sala, tem o cantinho da leitura, enquanto eu tô fazendo leitura com um, eles ficam lá, pegam um livro e observam, estão lendo, folheando, aquele que não lê, mas folheia, já vai despertar, já ajuda. (Rapunzel, Escola SF, 2024).

Diante disso, a professora ressalta a importância da literatura infantil e menciona o bom aproveitamento do cantinho da leitura, pois a partir dele, ela possibilita que as demais crianças, enquanto esperam sua vez, peguem os livros para distrair, mas também para estimular a leitura. O simples ato de manusear um livro já desperta a curiosidade e a relação com o material impresso, a observação dos livros, ainda que de maneira não convencional, incentiva a autonomia e desenvolve o interesse pela leitura, proporcionando um ambiente alfabetizador (Ferreiro, 2017).

Como salienta Aurora, a prática frequente de ler ou o simples contato com os livros estimula a criança,

[...] porque através dos livros, eu sempre digo a eles né, que o estímulo pra eles desenvolver a leitura é praticar lendo. (Aurora, Escola JB, 2024).

Esse comportamento pode ser descrito como o início do envolvimento com o texto e o desenvolvimento da compreensão da função social da escrita, além disso, corrobora para que o aluno construa um repertório acerca da linguagem, tendo em vista que: "a alfabetização pretende associar a experiência sonora com os fonemas (som) à visualidade dos grafemas (letras), recorrendo à bagagem já adquirida para que a criança inicie a nova etapa" (Cademartori, 2010, p. 14). A "bagagem" prévia da criança, ou seja, o conhecimento que ela já adquiriu ao longo de suas interações com o mundo e com a língua, favorece a transição para a leitura e escrita, isso indica que a alfabetização se apoia em habilidades e experiências anteriores, como a familiaridade com o ambiente letrado.

Ademais para que os livros infantis desempenhem de modo efetivo sua função no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita no ciclo de alfabetização é preciso que os professores escolham livros que se adequem ao nível de conhecimento e evolução dos alunos. Dessa forma, perguntamos às docentes se elas consideravam que os seus alunos correspondiam aos conhecimentos esperados na série do ciclo de alfabetização em que se encontravam, e todas sublinharam em suas respostas a diversidade existente entre os discentes, como podemos perceber a seguir:

[...] tem crianças que já lê livros, tem outras que ainda não, como você sabe, o nível da turma não é igual, aí tem criança que já lê, tem criança que lê frase e tem criança que já lê textos e tem criança que ainda tá nas letras. (Rapunzel, Escola SF, 2024).

Eu tenho na minha sala os três níveis, os que já leem, os que já tão acompanhando e os que ainda tão com dificuldade nas letras. (Bela, Escola JB, 2024).

Diante disso, as professoras evidenciam que as suas turmas possuem níveis de alfabetização distintos, Rapunzel e Bela destacam a presença de três estágios: escrita e reconhecimento das letras, leitura de frases e de textos completos. Ter alunos com diferentes níveis de alfabetização em uma mesma turma é uma realidade comum nas salas de aula e requer uma abordagem pedagógica cuidadosa e estratégica. Cada aluno traz consigo um histórico único de aprendizado, experiências e ritmos, o que pode resultar em uma ampla variedade de habilidades de leitura e escrita. Nesse contexto, Cinderela e Aurora também afirmam que nem todas as crianças da turma estão no mesmo estágio citando a questão de ter alunos com algum diagnóstico:

[...]alguns que já são bem fluentes, tanto na escrita quanto na leitura, mas tem uns que ainda têm uma deficiência, uns por ter alguma deficiência realmente, algum probleminha, algum laudo. (Cinderela, Escola CM, 2024).

[...] alguns sim, a maioria sim, aí tem aqueles que sempre tem acompanhamento com o psicólogo, toma remédio, então esses têm o desenvolvimento mais lento. (Aurora, Escola JB, 2024).

Na resposta de Aurora e Cinderela, elas mencionam que a maioria dos alunos parece acompanhar o processo, mas destacam um grupo que possui acompanhamento psicológico apresentando um desenvolvimento mais lento. Essa observação traz à luz como questões de deficiências e transtornos de aprendizagem influenciam o aprendizado e a alfabetização, apontando para a necessidade de um suporte adicional para esses estudantes. Esse contexto exige do professor a capacidade de adaptar suas práticas de ensino para atender essas necessidades, e ao invés de uma abordagem padronizada, promover uma prática pedagógica flexível.

Sob essa visão, a escolha dos livros trabalhados em sala também deve abranger essa heterogeneidade de saberes e dificuldades, tendo em vista que, cada aluno tem seu próprio tempo de aprendizagem e, por essa razão, o ensino não pode ser conduzido de forma padronizada, como ocorre nos métodos tradicionais; em vez disso, é necessário respeitar a heterogeneidade da turma (Silva, 2019).

Desse modo, quando os livros são selecionados com base no estágio de desenvolvimento das crianças, eles oferecem um equilíbrio ideal entre desafio e acessibilidade, permitindo que a criança se envolva de maneira positiva com o material. Nesse sentido, ao serem indagadas sobre os critérios usados para escolha dos livros infantis trabalhados em sala de aula foi observado que uma professora destaca essa relação a partir dos seguintes aspectos:

[...] pra aquele aluno que já consegue ler, que já é o fluente, aí eu já escolho baseado nesse aluno, aquele que eu sei que tá mais em frases eu já escolho um livro que seja mais dinâmico, que tenha pouca história escrita e mais ilustração, da mesma forma é com quem tá ainda nos reconhecimentos das letras. (Cinderela, Escola CM, 2024).

Diante do exposto, Cinderela em sua fala traz justamente esse ponto, ela possui a preocupação em assegurar que o trabalho com os livros infantis esteja de acordo com o conhecimento dos seus alunos, para os que já são fluentes, a escolha de um livro mais dinâmico, com uma história mais complexa e menos dependente de ilustrações, isso reflete uma compreensão de que esses alunos precisam de textos que os desafiem cognitivamente, mas que também sejam motivadores e que estejam de acordo com as suas faixas etárias. Já para aqueles que estão no estágio inicial, a escolha de livros com mais ilustrações e menos texto ajuda a manter o interesse e facilita a compreensão por meio de apoio visual, possibilitando que todos tenham uma boa experiência com a literatura.

Ademais, inferimos com o apresentado pela docente que “é a partir dos resultados do trabalho docente que a leitura se instala como vivência da criança, como uma habilidade que ela pode controlar e desenvolver com o transcurso do tempo” (Zilbermam, 1985, p. 80). Através desse trabalho a criança desenvolve autonomia para ler, interpretar e refletir sobre o que lê, uma vez que com o respeito ao seu nível de aquisição da linguagem escrita e da leitura, ela se sente mais segura e motivada. A partir da questão foi identificada também a categoria escolha baseada nos limites dos alunos:

[...] as vezes na biblioteca tem uns livros muito grandes, que eles cansam, aí eu busco na internet também umas histórias menores, que sejam mais fáceis. (Rapunzel, Escola SF, 2024).

[...] livros que têm letra de bastão, que é a que eles conhecem, porque a normal eles não conhecem não [...] história também curta, porque longa demais é cansativo pra eles. (Bela, Escola JB, 2024).

Rapunzel e Bela, as duas professoras do primeiro ano, enfatizam a necessidade de escolher livros que os alunos consigam acompanhar, trazendo histórias que não sejam muito longas para não ultrapassar os limites de leitura e aspectos cognitivos das crianças do primeiro ano, que ainda estão no início da alfabetização. Assim, as professoras destacam a importância de selecionar histórias que sejam adequadas à capacidade de concentração dos alunos, especialmente num contexto onde os livros possam ser longos e cansativos. Isso indica uma compreensão da necessidade de adaptar o material didático às características do público-alvo, o que é fundamental para promover uma experiência de leitura positiva. Importante salientar ainda que os livros infantis também trazem uma indicação de seu público alvo, o que pode facilitar essa escolha e adaptação.

Sobre o vasto repertório de tipos de literatura infantil que correspondem às necessidades e limites do pequeno leitor, Cademartori (2010, p. 5) diz que

na produção contemporânea, o gênero abrange livros só com imagens; livros com imagens e palavras e, situação menos provável, livros só com palavras. Livros para leitores menores podem ser compostos apenas de imagens, descritivas ou narrativas, com ausência de palavras ou com apenas algumas delas. Podem também manter em equilíbrio a presença do verbal e do visual. Ou, ainda, dar preponderância à palavra e atribuir à imagem presença complementar.

Essa variedade se manifesta em livros que vão desde aqueles compostos apenas por imagens até aqueles que apresentam uma combinação equilibrada de textos e ilustrações. Essa pluralidade é muito relevante no contexto da alfabetização, pois permite que cada criança encontre um tipo de livro que ressoe com sua fase de desenvolvimento. Por outro lado, as escolhas de Aurora são baseadas na preferência dos alunos:

O que chama mais a atenção deles, as histórias que mais chamam atenção deles. (Aurora, Escola JB, 2024).

Assim, o gosto pela leitura é um prazer que se constrói ao longo do tempo, ao proporcionar um ambiente onde os alunos tenham acesso a livros variados e que realmente os interessem, livros que abordam temas relevantes para as crianças, com personagens com os quais elas podem se identificar ou histórias que reflitam suas vivências, tendem a cativar a atenção e manter o interesse. Contudo, a fala da docente leva também a refletir se existe um planejamento por trás dessa prática, pois os momentos da aula para leitura de literatura precisam ser planejados.

Em suma, compreendemos que o papel da literatura infantil no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita no ciclo de alfabetização é auxiliar nessa aprendizagem, uma vez que possui a linguagem como um elemento atrativo para a criança, tornando a transição da oralidade para a escrita mais dinâmica. Conforme descrito, o ato de manusear e observar o livro corrobora para a progressão da leitura, evidenciando que mesmo que os discentes não saibam ler esse contato é muito válido para a familiaridade com o código escrito. A partir do analisado também infere-se que o professor assume um papel essencial na escolha dos livros de modo que estes estejam de acordo com as necessidades e conhecimento dos seus alunos.

5.3 Utilização da literatura infantil por professores do ciclo de alfabetização

Conforme discutido até aqui, a literatura infantil é uma aliada no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita da língua portuguesa. Ao integrar livros infantis nas práticas docentes, os professores do ciclo de alfabetização podem criar um ambiente de aprendizagem dinâmico e motivador. Destacamos como categorias de análise: a utilização diária da literatura infantil a partir da leitura deleite, utilização semanal através do conto, trabalho dos conteúdos disciplinares com a literatura infantil e o desenvolvimento de outras habilidades na alfabetização.

Nesse sentido, para identificar a utilização da literatura infantil por professores do ciclo de alfabetização no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita da língua portuguesa perguntamos sobre a frequência de utilização dos livros infantis nas aulas, e três professoras mencionaram sua utilização diária, conforme visto a seguir:

[...] todos os dias tem a leitura deleite, que é aquela leitura que a gente faz com eles todos os dias, antes de passar qualquer conteúdo. (Cinderela, Escola CM, 2024).

[...] através da contação de história, tem a leitura deleite que a gente tem que fazer todos os dias. (Aurora, Escola JB, 2024).

[...] a gente tem leitura a deleite antes de começar a aula, a gente usa pra eles, quando eu não leio no início, eu leio no final, porque, assim quando termina a atividade fica faltando uns de 15 a 20 minutos pra saída. (Bela, Escola JB, 2024).

Podemos observar que Cinderela, Aurora e Bela trazem a leitura deleite como estratégia de trabalho com a literatura no cotidiano da sala de aula, ou seja, a técnica de leitura sem fins necessariamente pedagógicos. No entanto, Bela, ao falar que faz uso da leitura nos

minutos restantes da aula, demonstra não possibilitar o momento para reflexão, realizando a prática de ler apenas para ocupar aquele tempo. Dessa modo, compreendemos que a literatura infantil não deve ser incluída apenas “para sustentar a disciplina nem para preencher um vazio pedagógico, mas para proporcionar sistematicamente o contato com as possibilidades significativas da leitura” (Amarilha, 1997, p.23). Ao ouvir o professor narrar histórias, os alunos ficam expostos a diferentes vocabulários, estruturas gramaticais e estilos de escrita, o que amplia seu repertório linguístico. Essa experiência não só melhora a capacidade de compreensão, mas também facilita o processo de decodificação de palavras e a construção de frases, elementos essenciais para a alfabetização.

As docentes revelam uma abordagem em que a leitura deleite tem papel central no cotidiano das crianças. Elas apresentam uma determinada história sem ter a necessidade de trabalhar algum tema ou conteúdo a partir do que foi lido, a intenção não é buscar informações ou conhecimentos técnicos, mas sim estimular a imaginação e o prazer que a literatura pode proporcionar, afinal “a leitura não pode ser vista como um sacrifício, que se faz por obrigação ou medo de punição” (Cavalcanti, 2009, p.8). Desse modo, é essencial que os educadores promovam uma experiência literária que valorize a exploração, a descoberta e a imaginação para que os alunos se sintam motivados.

A prática, mencionada por Cinderela e Aurora, aponta para um compromisso em utilizar a leitura de forma prazerosa e regular, fortalecendo o contato dos alunos com histórias e narrativas além do ensino formal. Já Rapunzel salienta a narração de histórias através de contos, no entanto essa estratégia é usada apenas uma vez por semana, como ela afirma em sua resposta:

[...] na segunda feira a gente tem a hora do conto, aí a gente entra na sala, primeira coisa faz a oração e faz o conto. (Rapunzel, Escola SF, 2024).

Desse modo, Cavalcanti (2009, p. 32) sublinha que:

tanto a narração de histórias por meio da oralidade como pela escrita podem facilitar a emergência de uma criança mais conhecedora de si e do outro, plenamente capaz de se reconhecer nos textos, como também criar outros universos a partir das portas que se abrem durante a escuta/ leitura.

A oralidade, em especial, desempenha um papel fundamental nesse processo. Quando um professor ou um adulto conta uma história, ele não apenas compartilha um enredo, mas também cria um espaço de interação e envolvimento que estimula a imaginação da criança.

Essa experiência de escuta ativa permite que a criança se identifique com os personagens e as situações apresentadas, promovendo uma reflexão sobre suas próprias vivências e emoções. Nessa ótica, se a literatura consegue conquistar e manter a atenção do público infantil ela pode ser usada para outras finalidades, entre elas a de auxiliar na alfabetização e ser introduzida para contextualização de outras atividades. As docentes destacaram isso quando afirmam que a literatura também é utilizada no trabalho com a gramática:

[...] dentro daquele livro eu vou tirar ditado, eu vou tirar formação de frases, tirar tudo daquela história, então ajuda muito. (Cinderela, Escola CM, 2024).

[...] com o texto a gente trabalha a oralidade, a gente trabalha o gênero textual, a gente trabalha os personagens, o que a gente vai trabalhar na gramática, já introduz a partir do livro, tudo a partir do texto. (Rapunzel, Escola SF, 2024).

As professoras ratificam que a partir do livro infantil elas extraem elementos para trabalhar conteúdos e habilidades essenciais para a alfabetização, isso revela a importância do uso de livros na educação, destacando como eles servem como ferramentas no processo de aprendizagem. A partir da leitura, é possível extrair atividades como ditados e formação de frases, o que enriquece o aprendizado. Além disso, o texto é fundamental para desenvolver habilidades de oralidade e explorar diferentes gêneros textuais.

A análise dos personagens e a introdução de conceitos gramaticais também são facilitadas pelo conteúdo literário, tornando a experiência de ensino mais integrada e dinâmica. Muitos autores (Soares, 2011) questionam a sua utilização para fins gramaticais, contudo destacamos que o problema reside quando a literatura é apenas usada com essa finalidade. Assim, os livros não apenas informam, mas também estruturam um aprendizado abrangente e contextualizado, por isso a literatura “é motivadora da alfabetização, porque esta promove as condições para o consumo de textos” (Zilbermam, 1985, p. 80).

Já Aurora e Rapunzel apontam que através de suas práticas com a literatura infantil não buscam estimular apenas a leitura e escrita, mas também outras habilidades importantes para a alfabetização, como vemos adiante:

[...]Jeu stimulo eles a fazer e a recriar a história da forma deles, através do desenho, eles gostam. Pronto tem uma história que eu li pra eles, agora vocês vão produzir a história do jeito de vocês, stimula a oralidade deles, a imaginação. (Aurora, Escola JB, 2024).

[...] alfabetização não é obrigado a criança tá escrevendo texto, mas trabalhar a oralidade, a organização dos pensamentos, é isso o importante, quando chegar no segundo ano ele sabe contar uma história, ele sabe criar uma história, a partir daí a professora vai trabalhando a ortografia e a leitura. (Rapunzel, Escola SF, 2024).

As docentes apresentam uma abordagem centrada no desenvolvimento integral das crianças durante a alfabetização, com ênfase na imaginação, na expressão oral e na autonomia criativa. Elas demonstram o valor que atribuem à literatura infantil como um meio de estimular habilidades essenciais, como a oralidade e a organização do pensamento, mais do que focar exclusivamente na habilidade de escrita desde o início. Assim, ao avançar de nível de escolarização, as crianças já possuiriam uma base sólida que ajudaria na codificação e decodificação. Aurora, demonstra explorar com os alunos os aspectos da pós-leitura, como dramatização, reconto, desenho, reescrita. Essas abordagens indicam um entendimento mais amplo do processo de alfabetização, que considera o desenvolvimento de competências cognitivas e criativas como bases para a aprendizagem da escrita e leitura. Nesse contexto, Jobim e Souza (1994, p. 125) afirmam que

o uso da linguagem se constitui na condição mais importante do desenvolvimento das estruturas psicológicas superiores (a imaginação, a reflexão, memorização ativa, atenção voluntária, aspecto estes que contribui para o desenvolvimento do pensamento e da linguagem) da criança.

Desse modo, podemos perceber que os livros e histórias desempenham um papel crucial no aprimoramento dessas habilidades, compreendemos que ela apoia o desenvolvimento integral das crianças. Ao criar um ambiente com histórias, as educadoras proporcionam oportunidades para que as crianças desenvolvam suas capacidades cognitivas e emocionais, construindo um fundamento sólido para sua aprendizagem futura. Dessa maneira, a alfabetização não se limita apenas à decodificação de palavras, mas se torna um processo vasto que envolve o desenvolvimento de múltiplas habilidades essenciais para o aprendizado contínuo.

É imprescindível salientar que muitas vezes a escola é o único lugar que os alunos possuem contato com os livros, tendo em vista que a maioria das famílias dos discentes das instituições públicas não tem renda suficiente para adquiri-los. Como Aurora afirma a seguir:

A sala de aula é o momento para eles pegarem gosto pela leitura, porque acredito que seja o único contato que eles têm, em casa não tem, aí só aqui mesmo na escola. (Aurora, Escola JB, 2024).

A professora evidencia uma visão crítica sobre o papel da escola e, em especial, da sala de aula como um espaço essencial para o desenvolvimento do gosto pela leitura entre os alunos sugerindo que, em muitas casas, essa prática não faz parte do cotidiano. Também nos leva a refletir sobre questões socioeconômicas que podem impactar o acesso à leitura e à cultura em casa. A ausência de práticas de leitura pode estar relacionada a limitações de tempo, de recursos financeiros ou de escolaridade dos responsáveis, isso evidencia a importância da escola como um agente transformador e inclusivo, o ambiente escolar, nesse caso, viabiliza que todos os alunos tenham a oportunidade de contato com as obras literárias.

Portanto, através do exposto, foi possível identificar a utilização da literatura infantil pelas educadoras como um recurso relevante na alfabetização. As docentes demonstraram essa concepção ao inclui-la de modo planejado na rotina de suas turmas enquanto uma metodologia frequente na sala de aula, seja através de uma leitura feita sem a finalidade de ensinar algo, usando o lado recreativo e prazeroso da literatura, ou utilizando ela como uma estratégia para contextualizar conteúdos disciplinares e atividades, sobretudo aqueles ligados a aprendizagem da leitura e escrita da língua portuguesa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantil é um gênero literário que possui a dualidade de entreter e educar as crianças por meio de histórias que estimulam a imaginação, transmitem valores e ampliam o universo cultural dos pequenos leitores. Ela colabora na construção da linguagem, oferecendo às crianças contato com diferentes estruturas gramaticais, novas palavras e modos de expressão variados. Assim, a literatura infantil é um meio de aprendizagem e pode se materializar na prática pedagógica da escola, influenciando significativamente o desenvolvimento integral da criança.

No percurso desse trabalho, identificamos que ela vem sendo utilizada na sala de aula de modo frequente e com intencionalidade, e que as docentes reconhecem as obras como um recurso valioso para o ensino e a aprendizagem na alfabetização, destacando sua importância para o estímulo a leitura, para o desenvolvimento da escrita e também para outras habilidades essenciais nessa fase, como a organização dos pensamentos e a oralidade. As professoras possibilitam o acesso aos livros levando os alunos à biblioteca ou desenvolvendo recursos como a “maleta da leitura” para que as crianças possam ter esse momento com os livros em casa. Percebemos, diante disso, a preocupação em construir em volta do ato de ler um ambiente acolhedor que o torne uma atividade prazerosa e somatória ao desempenho escolar.

Compreendemos que a literatura infantil em razão de suas características desperta o interesse das crianças e as aproxima da linguagem, assumindo o papel de contribuir, dessa forma, na aprendizagem da leitura e escrita da língua portuguesa no ciclo de alfabetização. A pesquisa mostrou que esse processo é desafiante uma vez que as turmas são compostas por diferentes níveis de conhecimento, o que exige a adaptação dos conteúdos e reflexão sobre a escolha dos livros infantis, considerando os limites e necessidades dos alunos.

No decorrer das análises inferimos que o acesso e vivências com a literatura infantil são experiências válidas em todas as fases da criança, mesmo quando ela ainda não domina a leitura, pois prepara a mente para que, na fase adulta, se aprecie a literatura em um nível mais

sofisticado de interpretação de símbolos, mensagens e arquétipos que formam a base de muitas obras literárias. O processo de transformar o que é falado em letras e palavras é complexo e utilizar textos que não interessam a criança pode torná-lo mais desafiante, assim incluir na aprendizagem o universo das histórias, imaginação, faz-de-conta e fantasia, elementos que fazem parte da infância, contribui positivamente para despertar o interesse das crianças.

Destacamos que ter um local na sala de aula ou na escola destinado aos livros é fundamental para que o trabalho das docentes com a literatura seja possível, tanto para que os discentes tenham esse contato mais amplo com a diversidade de obras, quanto para que os professores possam utilizar os recursos presentes na própria instituição. Além disso, estar em um ambiente acolhedor e convidativo, rodeado de materiais próprios para sua idade, faz com que a criança se sinta incentivada a explorar o mundo literário de forma autônoma.

Com base nos resultados obtidos concluímos que a literatura infantil permite que as crianças avancem no reconhecimento das letras, sílabas e palavras de forma contextualizada, o que acelera o processo de alfabetização e torna o aprendizado mais significativo. Através das narrativas, a criança começa a perceber a estrutura das frases e o uso de pontuações, assimilando essas características enquanto se envolve com o enredo das histórias. Dessa forma, a literatura infantil se torna uma ferramenta completa, promovendo o desenvolvimento cognitivo, linguístico e social das crianças e tornando o processo de alfabetização mais agradável para elas. Em suma se as obras infantis têm o poder de encantar e de levar os pequenos leitores para mundos mágicos, elas também podem guiá-los na entrada ao mundo da linguagem.

Diante dessas conclusões, surgem novas reflexões, evidenciando outras questões de pesquisa acerca do assunto, entre essas podemos pensar: qual a importância da biblioteca nas escolas? Como a literatura infantil pode ser utilizada para trabalhar a diversidade? Quais os desafios enfrentados pelos docentes na alfabetização? Como a literatura infantil contribui para o desenvolvimento emocional e social das crianças? Essas são indagações que nos instigam a aprofundar a análise sobre a literatura infantil e o processo de alfabetização no cenário educacional contemporâneo, inserindo-se como vias para novas investigações.

Referências

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** -literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1997.

AMARILHA, Marly. Infância e literatura: traçando a história. **Educação em questão**. Natal: EDUFRN, v.10/11, p.126-136, 2002.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BRASLAVSKY, B. O método: panacéia, negação ou pedagogia? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 66, p. 41–48, 1988. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1204>. Acesso em: 23 jul. 2024.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 26.ed. São Paulo: Brasiliense. 2010.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas: Papirus, 1994.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil brasileira: história & histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **O ensino e a biblioteca**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

MINAYO, Maria Cecília de Souza.; DESLANDES, Suely, Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Métodos de alfabetização no Brasil: uma história concisa**. [S. l.]: Editora UNESP, 2019.

SILVA, Nyanne Nayara Torres Da. **O estudo de práticas de alfabetização face à heterogeneidade de conhecimentos sobre a escrita alfabética nos anos iniciais do Ensino Fundamental no Brasil e na França: relação entre práticas de ensino e progressão das aprendizagens dos alunos**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, Recife, 2019.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In*: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (organizadoras). **Escolarização da leitura literária**. 2ª ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5-17, abr. 2004.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

YUNES, Eliana. **A provocação que a literatura faz ao leitor**. In: AMARILHA, Marly (org.) Educação e leitura: redes de sentidos. Brasília: Líber Livro, 2010.

YUNES, Eliana. PELO AVESSO: A Leitura e o Leitor. **Revista Letras**, v. 44, p. 185-196, 4 out. 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/rel.v44i0.19078>. Acesso em: 7 nov. 2024.

ZILBERMAN, Regina. Introduzindo a literatura infanto-juvenil. **Perspectiva**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 98–102, 1985. DOI: 10.5007/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10106>. Acesso em: 7 nov. 2024.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. 2a ed. São Paulo: Contexto, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola**. 1ª edição digital. São Paulo: global, 2012.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. **Via Atlântica**, n. 14, p. 11, 22 dez. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/va.v0i14.50376>. Acesso em: 18 ago. 2024.

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Pesquisa: “As contribuições da literatura infantil para o processo de aprendizagem da leitura e da escrita da língua portuguesa no ciclo de alfabetização”

Pesquisadora: Larissa Oliveira Fernandes

Orientadora: Professora Dra. Maria Julia Carvalho de Melo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, confirmo que fui esclarecido(a) sem qualquer constrangimento, sobre os objetivos da pesquisa acima referida bem como da forma de minha participação na mesma. Fui esclarecido ainda que:

- minha participação nesta pesquisa é livre;
- o que falarei na entrevista será transcrito sendo as informações organizadas, analisadas e publicadas, em parte ou na sua totalidade;
- meu nome não será divulgado;
- durante o desenvolvimento da pesquisa poderei fazer contato com a pesquisadora pelo e-mail larissa.oliveira.fernandes@aluno.uepb.edu.br ou pelo telefone +55 83 98886-3098 para quaisquer esclarecimentos.

Assim, aceito fazer parte desta pesquisa e autorizo a utilização e divulgação dos resultados que envolvem minha entrevista.

Nome do(a) entrevistado(a):

Nome da pesquisadora:

Telefone:

Assinatura:

Assinatura: _____

APÊNDICE B- ROTEIRO DA ENTREVISTA

Roteiro de entrevista

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	QUESTÕES	Aspectos a ter atenção
<p>I- Discutir como a literatura infantil pode despertar o interesse das crianças pela leitura e pela escrita no ciclo de alfabetização.</p>	<p>1. Você usa a literatura infantil em suas aulas?</p> <p>2. Na escola as crianças podem ter acesso aos livros? Se sim, você incentiva esse contato?</p> <p>3. Com que frequência você utiliza livros infantis em suas aulas de alfabetização?</p> <p>4. Você poderia descrever como trabalha com livros de literatura infantil em suas aulas (estratégias, recursos, etc...)?</p>	<p>Se responder não: por quê? Que livros você usa?</p> <p>Como você trabalha com a alfabetização?(Quais textos, livros)</p>
<p>II - Investigar o papel da literatura infantil no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita no ciclo de alfabetização</p>	<p>5. Quais critérios você usa para escolha dos livros infantis ?</p> <p>6. Como os alunos reagem à leitura de literatura infantil?</p> <p>7. Você acredita que a utilização da literatura infantil pode auxiliar na alfabetização das crianças?</p>	<p>Onde tem acesso aos livros? Biblioteca da escola? Internet?</p> <p>Se a resposta for muito curta, pedir que o docente descreva</p> <p>Se a resposta for positiva ou negativa pedir que o docente justifique a sua visão.</p>
<p>III - Identificar a utilização da literatura infantil por professores do ciclo de alfabetização no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita da língua portuguesa.</p>	<p>8. Você considera que os seus alunos correspondem aos conhecimentos de leitura e escrita esperados na série do ciclo de alfabetização em que se encontram?</p> <p>9. Em sua experiência, como a literatura infantil pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita?</p>	
<p>Observar</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ter cuidado para não dar maiores detalhes sobre a pesquisa que influencie as respostas das entrevistadas • Formação dos professores • Observar se na escola existe biblioteca ou lugares com livros (cantinhos da leitura, etc...) • Considerar se a escola ou secretaria de educação oferece algum incentivo para trabalhar com a literatura infantil 		

AGRADECIMENTOS

Primeiramente expresso minha profunda gratidão a Deus, pelo dom da vida, por toda proteção, amor e por estar comigo em cada passo dessa jornada, me concedendo força e sabedoria durante todo o percurso, sem Ele não existiria eu.

Aos meus pais Luciana Oliveira Fernandes e Edilson Xavier Fernandes por serem minha base e inspiração, por todo apoio e incentivo, por me ensinarem a nunca desistir e sempre lutar pelos meus sonhos, essa vitória pertence a vocês também.

Ás minhas companheiras de curso e as melhores amigas que a UEPB poderia me dar, Adrievelly e Priscilla, por serem a leveza nos dias atribulados, compartilhando risadas, trabalhos, estágios, alegria e momentos únicos que irei guardar sempre no meu coração.

Á minha tia e madrinha Glaucia Roberta por sempre orar e torcer por mim e ao ver o notebook sem uso em casa, me presentear com ele, o qual se tornou meu principal meio de estudo e possibilitou que eu realizasse esse e muitos outros trabalhos da melhor maneira possível.

Á minha orientadora Maria Julia Carvalho de Melo por ter aceitado me guiar no desenvolvimento dessa pesquisa e por fazer isso de forma dedicada, leve e paciente, o seu auxílio, orientação e palavras de apoio foram essenciais.

Á todos familiares e amigos que acreditaram em mim quando eu mesma não acreditava, vibrando junto comigo a cada conquista, que foram sol em dias chuvosos, aos que simplesmente me fizeram sorrir em meio ao cansaço sem nem saber o quanto estavam ajudando, meu muito obrigado.

Gratidão á todos os professores da graduação que compartilharam seus conhecimentos de forma humilde, sem nunca esquecer que já estiveram no nosso lugar e despertaram cada dia mais em mim a paixão pela profissão docente, que continuem sendo luz na jornada de outros alunos.